

# 40.º aniversário

# OS 40 ANOS

A «crise académica de 1962» constituiu uma das expressões mais massivas da resistência estudantil à ditadura fascista. De algum modo, é justo assinalá-lo, foi a primeira das grandes lutas dos estudantes que varreram a Europa na década de sessenta, facto que resulta inteiramente lógico perante o denso nó de contradições da sociedade portuguesa, o amadurecimento da crise revolucionária, a actuação, fora e dentro de Universidades e Liceus, de uma força de vanguarda capaz de estabelecer uma ligação consequente entre as reivindicações estudantis e a aspiração libertadora do povo português.

E nada poderá apagar a contribuição determinante dos comunistas e do PCP para esse grande momento de luta antifascista.

ANO XL - SEM. IV - Nº 172 - 21. QUINZANA DE MAIO DE 1962. PREÇO: 1800

**Avante!**  
Órgão Central do Partido Comunista Português

**AS LUTAS DE 1 E 8 DE MAIO**  
EM GRANDIOSAS MANIFESTAÇÕES O POVO EXIBE O FIM DO FASCISMO

**O 8 de Maio em Lisboa**

**A HEROICA GREVE DOS ESTUDANTES**

**Salvemos José Magro**  
e os outros militantes do Partido preso

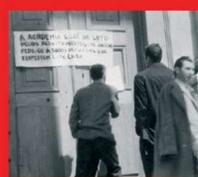
**Solidarizemo-nos com os estudantes!**

**Combra - Apesar da proibição da polícia, os estudantes manifestaram-se em Combra, no dia 21 de Maio...**



1962 ▶▶ 2002

# ofenderam-te, enluta-te!



Se, muito justamente, o 24 de Março se tornou em Portugal no "Dia do Estudante" é porque foi precisamente nesse dia de 1962 que, com a violenta carga da polícia de choque sobre os milhares de estudantes que desfilaravam no Campo Grande se abriu um prolongado período de dura confrontação entre os estudantes e o governo que, durante meses, se estendeu a quase toda a Universidade, sacudiu o país, abalou o regime.

Um confronto marcado pelo audacioso desencadear da greve às aulas na maioria das Faculdades – o "Luto Académico" lançado em 26 de Março com a criativa palavra de ordem "ofenderam-te, enluta-te!" – com a ocupação de instalações, gigantescos plenários e concentrações, desfiles e manifestações dentro e fora dos recintos universitários, envolvendo sobretudo as Universidades de Lisboa e Coimbra, onde o Movimento Associativo estava mais organizado e havia maiores tradições de luta.

Um confronto cuja causa próxima residiu na proibição do "Dia do Estudante" - significativamente com o lema "a unidade de hoje pela união de amanhã" - e da luta pela sua realização, em cuja condução desempenhou papel de primeiro plano a RIA ( Reunião Inter-Associações) de que, em 1960/61, foi Secretário-geral o camarada José Bernardino e que, depois como funcionário clandestino do PCP, foi responsável pela organização e ligação aos estudantes comunistas até à sua prisão pela PIDE em Maio de 62.

Um confronto que se desenrolou no quadro de uma repressão violentíssima, com cerco, invasão policial e encerramento de instalações associativas e académicas, imposição de Comissões Administrativas, perseguição de dirigentes e activistas, prisões em massa, violentas cargas da polícia de choque em Lisboa capitaneada pelo odiado capitão Maltês, expulsões.

Confronto que envolveu uma gigantesca campanha de desinformação anticomunista por parte do governo fascista, mas que colocou do lado dos estudantes e das suas justas reivindicações grande número de professores e a solidariedade das populações.

Confronto em que milhares e milhares de estudantes sentiram na própria carne a natureza da violência e do obscurantismo fascista, despertaram para uma empenhada luta pela democracia e o progresso social, muitos dos quais prescindindo deliberadamente de uma promissora carreira profissional, e arriscando mesmo a liberdade e a própria vida.



# ofenderam-te, enluta-te!



## Cronologia da Crise Académica

Segundo Comunicado distribuído em Lisboa (Dezembro de 1962)

### 24 de Março

Encerramento da Cantina Universitária e invasão da cidade Universitária por camiões da Polícia de choque armada de metralhadoras. A polícia entrou na Faculdade de Medicina Tentativa de invasão da Faculdade de Direito. Concentração de estudantes e professores frente à Reitoria. Contacto do Reitor com o Ministro do Interior, que prometeu mandar retirar a polícia. O Ministro da Educação prometeu receber os estudantes, mas falhou. Acabado o festival no Estádio Universitário deu-se a carga de polícia sobre os estudantes. Feridos e prisões. O Reitor compareceu no local e convidou os estudantes para jantar no Restaurante Castanheira com professores a expensas da Reitoria. Segunda da carga de polícia no Campo Grande quando os estudantes se dirigiam ordeiramente para aquele restaurante. Feridos e prisões. Alguns estudantes chegam ao restaurante e foram ameaçados de nova carga se não dispersassem o que acabaram por fazer.

### 25 de Março

Reunião de estudo na F. [Faculdade] de Medicina e invasão da Polícia armada de metralhadoras exigindo a evacuação da sala em cinco minutos.

### 26 de Março

Decretado o LUTO ACADÉMICO. O primeiro comunicado das A.A.E.E. [Associações de Estudantes] à imprensa e corte pela censura; segundo comunicado também não publicado. Decretado luto em Coimbra. Presos em Coimbra estudantes que distribuíam comunicados referentes ao Dia do Estudante.

### 28 de Março

Entrevista dos dirigentes com o Ministro da Educação que se mostrou pronto a autorizar o D.E. [Dia do Estudante] se tivesse uma informação dos Reitores. Suspensão do luto. Instaurado processo pela Polícia Judiciária à Direção de A.A. de Coimbra na realização do primeiro Encontro Nacional de Estudantes.

### 29 de Março

Comunicado dos Estudantes Monárquicos independentes apoiando as Associações de Estudantes.

### 5 de Abril

Nota oficiosa do M.E.N. proibindo o Dia do Estudante. O Reitor Marcelo Caetano pede a demissão.

### 12 de Abril

Recomeço do luto

### 13 de Abril

Suspensão das Direcções das A.A.E.E. e Interditas as actividades das Comissões Pro-Associações.

### 4 de Maio

O Senado apoia as A.A.E.E. junto do Ministro.

### 9 de Maio

86 estudantes iniciam a greve da fome, no edifício da Cantina. Decretada o luto Académico total com ausência às aulas e exames. Sai um abaixo assinado por mais de cem engenheiros a apoiar a atitude dos estudantes.

### 11 de Maio

1500 estudantes presos por estarem a acompanhar a greve da fome.

### 13 de Maio

Abaixo assinado de 130 licenciados em Ciências Económicas e Financieiras apoiando os estudantes.

### 14 de Maio

A polícia cerca o I.S. Técnico e impede a entrada a estudantes que iam reunir-se.

### 15 de Maio

Abaixo assinado de 80 membros da Sociedade Portuguesa de Escritores apoiando os estudantes. Invasão da Cidade Universitária pela polícia para impedir uma reunião de estudantes. O Vice-Reitor recusou-se a pedir a saída da polícia.

### 19 de Maio

Carta do Professor Cintra a apoiar os estudantes e carta de 98 assistentes e professores ao Professor Cintra.

### 21 de Maio

Decreto do Ministério da Educação Nacional permitindo a aplicação de sanções aos estudantes sem prévio julgamento e permitindo a pessoas sem classificação Universitária serem Professores Universitários (Decreto 44 357). Os Professores da Faculdade de Letras e 6 assistentes do ISCEF protestam contra este Decreto.

### 26 de Maio

150 estudantes de Coimbra barricam-se na AAC protestando contra as medidas tomadas pelo Governo. A AAC é invadida pela Polícia e todos os estudantes presos.

### 23 de Maio

Reunião de 80 assistentes: Completo apoio às AAEE e protesto contra a nota oficiosa e Decreto do MEN.

### 24 de Maio

Reunião geral de assistentes (40) de apoio aos estudantes.

### 26 de Maio

Carta de 40 Professores ao MEN apoiando os Estudantes; o Conselho da Faculdade de Medicina apoia as AAEE.

### 1 de Junho

13 professores propõem-se estudar um estatuto Universitário mais tarde apresentado mas não aceite.

### 4 de Junho

O leitor de Inglês da Faculdade de letras pede a demissão protestando contra a maneira como os estudantes são tratados.

### 5 de Junho

Impedida pela Polícia uma reunião de alunos frente à Reitoria. Realiza-se no recinto do Hospital Escolar. Ataque da Polícia espancando estudantes, o Professor Cintra e um estagiário que protegeu o Professor Celestino da Costa.

### 15 de Junho

Termina o luto.

### 20 de Junho

Concentração no Aljube para protestar contra a prisão do Eurico de Figueiredo. 20 prisões e ataque da Polícia de choque.

### 28 de Junho

Expulsos da Universidade de Lisboa por 30 meses 21 dos colegas que estiveram na greve da fome.

### 19 de Julho

Carta ao Presidente da República de 47 professores e doutores da Universidade de Lisboa protestando contra as medidas do Governo.

### 15 de Outubro

Publicação do Decreto 44.632

### Novembro

Prisão do Secretário Geral da RIA, Medeiros Ferreira.

### 14 de Novembro

Prisão de Luís Lemos e Pedro Lemos, colaboradores da CPA de med.

### 15 de Novembro

Prisão do colega Victor Mateus Branco do ISEF.

### 6 de Dezembro

Julgamento em Coimbra da direcção da AAC. Acusada de ter desobedecido às autoridades realizando o primeiro encontro nacional de estudantes que anteriormente fora autorizado pelo MEM.

As grandes lutas de 1962, talvez as mais importantes lutas estudantis de massas sob o fascismo, são inseparáveis do clima geral de ascenso da luta popular e democrática; das manifestações populares de protesto de Almada, Covilhã, Alpiarça e muitas outras localidades contra a farsa eleitoral de Novembro de 1961; das lutas dos assalariados agrícolas do Alentejo e Ribatejo que levaram à conquista histórica das 8 horas; das grandes manifestações do 31 de Janeiro e 8 de Março no Porto e, sobretudo, do 1º de Maio de Lisboa em que participaram cerca de 100.000 pessoas e que marca uma viragem no sentido da afirmação da classe operária como força social determinante da luta antifascista, e o Dia do Trabalhador como principal data aglutinadora da luta democrática; do desencadeamento da luta armada contra o colonialismo português e do início da guerra colonial.

A crise académica de 1962 é um importante marco da luta dos estudantes portugueses e do movimento antifascista que merece ser evocada e homenageada como um dos numerosos afluentes que engrossaram o rio de vontades, de lutas e de esperanças que deram corpo ao duro caminho para a conquista da liberdade em 25 de Abril de 1974 e no qual o PCP e os comunistas portugueses desempenharam um papel que ninguém poderá apagar ou desvalorizar.

